

## **Os impactos causados por Edward Snowden nas relações diplomáticas: um panorama de como as revelações do agente americano abalaram as relações entre países<sup>1</sup>**

Elisa Damante Ângelo e SILVA<sup>2</sup>  
Pedro BENEVIDES<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa o conjunto de acontecimentos envolvendo o ex-técnico da Agência de Segurança Nacional – NSA, o norte-americano Edward Snowden, o papel da mídia durante esse processo e explora seus desmembramentos no âmbito das relações internacionais abaladas após as revelações. No caso do objeto aqui analisado, além de um esquema estratosférico de vigilância e monitoramento de dados - tendo como alvo não só potências políticas, mas também a população mundial - foram constatados discursos contraditórios por parte dos responsáveis, que alegavam ter como objetivo obter informações a respeito de possíveis ataques terroristas à maior potência mundial, mas que, na verdade, utilizavam-se dos dados para obter vantagens políticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Snowden; mídia, relações diplomáticas; papel da mídia

### **INTRODUÇÃO**

No dia 6 de junho de 2013, o jornal britânico The Guardian deu início a uma série de publicações que revelavam um grande esquema de espionagem protagonizado pelo governo norte-americano. O denunciante era o ex-funcionário dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, Edward Joseph Snowden.

O analista de sistemas reuniu uma quantidade considerável de documentos que acusavam o governo americano de espionar e interceptar, via *online*, conversas de inimigos políticos ou qualquer outro alvo ao redor do mundo que julgasse interessante. A população mundial inteira sempre foi um alvo em potencial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduanda do 7º período do Curso de Jornalismo da UFPB, email: elisadamanteas@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email:

Para dar início a sua perigosa jornada de delator, Snowden, entrou em contato com jornalistas de renome para conceder todas as informações colhidas ilegalmente, e que estavam então sob sua responsabilidade. Uma delas foi a documentarista norte-americana Laura Poitras, que já havia trabalhado o tema da vigilância. Segundo Snowden, a escolha teve motivos: Poitras já havia entrevistado fontes sigilosas, como o criador do site Wikileaks, Julian Assange, o que fez com que ela desenvolvesse técnicas de segurança, como uso da criptografia para conversas telefônicas, em arquivos e e-mails. (REVISTA ÉPOCA, 2014).

Para iniciar esses primeiros contatos por e-mail, Snowden utilizou o codinome Citizenfour, que posteriormente deu nome ao documentário de Laura Poitras relatando o caso Snowden. Além dele, Laura produziu outros dois documentários sobre guerras (*My Country, My Country – 2006 e The Oath - 2010*) que a levou a ser interrogada diversas vezes em aeroportos pelo mundo.

Gleen Greenwald, também americano, foi a segunda escolha de Snowden. Gleen é advogado, tinha uma coluna no *The Guardian*, um periódico de influência mundial e mantinha um blog sobre política.

No outono de 2005, sem muitas expectativas grandiosas, decidi criar um blog sobre política. Na época, eu mal sabia quanto essa decisão acabaria mudando a minha vida. Minha principal motivação foi uma apreensão crescente em relação às teorias de poder radicais e extremistas adotadas pelo governo dos Estados Unidos após o 11 de Setembro, e eu esperava que escrever sobre essas questões fosse me possibilitar um impacto maior do que o proporcionado por minha carreira de advogado especializado em direito constitucional e direitos civis. (GREENWALD, 2014)

Snowden se hospedou por algum tempo na China para realizar todas as denúncias que envolviam grandes órgãos ligados ao governo americano. Após a publicação de sua identidade, ele pediu asilo político em 21 países, mas só conseguiu um asilo temporário na Rússia, que se estende até então. Hoje, a única coisa que se tem conhecimento é que ele vive em território russo, mas não se sabe no que ele trabalha.

## Softwares

De acordo com as informações fornecidas por Snowden, a coleta de dados pode funcionar de algumas formas. A primeira delas é a cooperação com empresas. Empresas como o Gmail, Skype, Facebook, Google, Apple, Youtube, Yahoo, Microsoft e algumas outras foram acusadas de fornecer dados para o PRISM.

O segundo modo de fazer coletas é através da cooperação com agências de inteligência do exterior. O esquema funciona através de uma sociedade de agências de segurança nacional de outros países. Dentro das acusações feitas por Snowden, uma grande sociedade citada foi o The Five Eyes, que é um grupo formado por cinco países (Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido, Austrália e o próprio Estados Unidos) que visa usar suas agências para coletar dados de usuários diversos via *online*. (GREENWALD, 2014, p. 97)

A terceira maneira de se coletar dados é através da chamada coleta *upstream*. Enquanto os dados passam por cabos de fibra e infraestrutura da internet ou cabos telefônicos, eles são interceptados. (GREENWALD, 2014, p. 114)

Neste último caso, surge um *software* importante para compor as peças do jogo: o PRISM. O PRISM é um programa utilizado pela Agência de Segurança Nacional americana. Ele é a principal fonte primária de inteligência, usada nos relatórios de análise da NSA. Os dados coletados pelo *software* são posteriormente armazenados e analisados por outros programas de vigilância que fazem parte do sistema de espionagem do país (GREENWALD, 2014, p. 115)

### **Relações diplomáticas**

O uso dessas ferramentas e programas vem sendo feito desde os anos 2000. De acordo com Glenn Greenwald (2014), o jornal americano New York Times divulgou que, em 2001, o presidente Bush havia dado ordens secretas à NSA para espionar e coletar comunicações eletrônicas dos próprios norte-americanos sem obter os mandados exigidos pela legislação criminal vigente na época. Ao ser divulgado, o esquema de vigilância já durava quatro anos.

O criador do site WikiLeaks, Julian Assange, afirma em seu livro “Cypherpunks: a liberdade e o futuro da internet” que a próxima grande alavanca no jogo geopolítico serão os dados resultantes da vigilância” (ASSANGE, 2013, p.23 *apud* FRAZÃO 2015) e acredita que o mundo deve se alertar para o perigo iminente do monitoramento de dados por potências hegemônicas. Assange dá a esse fato o conceito de “militarização do ciberespaço”, ou seja, uma vigilância constante das redes por serviços de inteligência ao redor do mundo.

Esse é um assunto que vem reconfigurando eixos sociais. Não se trata apenas de uma revolução no campo comunicacional. O fluxo massivo de informações e o

armazenamento desses dados tem também reformulado o cenário internacional. Há uma tentativa crescente de controle dos meios que transmitem informações dentro do meio político. “Para conquistar o poder é preciso ter o poder da informação e ter o poder significa também ter em mãos o sistema de informação e de discursos dominantes no cenário internacional”. (VALENTE, 2007, p. 41 *apud* FRAZÃO, 2015).

O caso Snowden é um exemplo claro dos danos que o armazenamento de dados de forma indevida pode causar. Além da própria nação norte-americana, outros países também foram afetados. Um deles foi o Brasil. Notícias da época apontaram um esquema de vigilância de olhos voltados para setores e empresas brasileiras, além do próprio governo brasileiro. Foram citados o ministério de Minas e Energia, a empresa Petrobrás e a então presidente, Dilma Rousseff. De acordo com o site G1, o site WikiLeaks revelou, além da presidente Dilma, 29 telefones ligados ao governo grampeados pela NSA (G1, 2015).

Na época, como forma de resposta as denúncias apresentadas, a então presidente Dilma, que estava com viagem marcada para Washington cancelou a visita. Para ela, a espionagem era uma violação da soberania do país e dos Direitos Humanos. Então, o governo brasileiro deu início a uma investigação envolvendo a Polícia Federal e a Agência Nacional de Telecomunicações, visando apurar se empresas de telecomunicação sediadas no Brasil haviam violado o sigilo de seus clientes. O embaixador americano negou as práticas de espionagem e afirmou ao ministro de comunicações brasileiro, Paulo Bernardo, que os EUA apenas monitoravam as comunicações brasileiras através de metadados. O governo brasileiro ignorou a resposta e, junto ao planalto, agilizou a aprovação do Marco Civil da Internet. (BOM DIA BRASIL, 2013 *apud* SPANIOL, 2015)

Tempos depois, a presidente retornou aos EUA para a visita oficial. De acordo com o site de notícias UOL, (UOL, 2015), na mesma visita, Dilma declarou em uma coletiva de imprensa: “esta visita representa um relançamento de nossa relação” e declarou que a crise havia sido superada.

O Marco Civil da Internet virou destaque na mídia. Dentre as exigências, estava a obrigatoriedade de que os dados dos brasileiros fossem guardados em *Data Centers* localizados dentro do Brasil. Além disso, o governo deu início a construção de cabos de fibra ótica que deveriam passar pela Europa e África, evitando assim o tráfego dos dados dos usuários brasileiros pelo território americano. Foi promessa também do

governo um estudo sobre a política de privacidade de empresas de mídia digital como o *Google* e o *Facebook*, visando proteger a liberdade individual e a privacidade dos cidadãos. (VEJA, 2013 *apud* SPANIOL, 2015).

Foi a partir dos desmembramentos da espionagem sobre o Brasil que se levantou a questão de uma possível espionagem diplomática por parte dos Estados Unidos a diversas partes do mundo.

A NSA também se dedica à espionagem diplomática, como demonstram os documentos referentes a “questões políticas”. Um exemplo particularmente chocante, de 2011, mostra que a agência teve como alvo dois líderes latino-americanos – a atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, assim como seus “principais consultores”, e o então líder da disputa presidencial (e hoje presidente) do México Enrique Peña Nieto, junto com “nove de seus colaboradores mais próximos” – para um “esforço especial” de vigilância especialmente invasivo. O documento chega a incluir algumas das mensagens de texto interceptadas entre Nieto e um “colaborador próximo” (GREENWALD, 2014, p. 147)

É possível especular os motivos que fizeram o governo americano espionar os líderes políticos latino-americanos citados em questão. Ambos os países são ricos em recursos petrolíferos, além de exercerem uma forte influência em suas regiões.

(...) Além disso, embora estejam longe de ser adversários, também não são os aliados mais próximos e confiáveis dos Estados Unidos. De fato, um documento de planejamento da NSA intitulado “Identificação de desafios: Tendências geopolíticas para 2014-2019” lista os dois países (Brasil e México) abaixo do subtítulo “Amigos, inimigos ou problemas?”. Na mesma lista estão Arábia Saudita, Egito, Iêmen, Índia, Irã, Somália, Sudão e Turquia (GREENWALD, 2014, p. 149)

Snowden escolheu a China para se refugiar enquanto realizava suas delações, por acreditar que ela dificilmente cederia às pressões americanas. Ele se alojou em Hong Kong, pois sentia que lá havia “a melhor mistura de segurança física e força política” (GREENWALD, 2014, p.58). Depois de fornecer boa parte das informações e do *boom* de repercussão que suas notícias causaram, Snowden pediu asilo político a 21 países pelo mundo. Foi somente na Rússia, após mais de um mês na área de trânsito do aeroporto de Moscou, que ele conseguiu asilo temporário.

O presidente da Bolívia, Evo Morales, também esteve sob a mira do governo americano. Ele participava da segunda cúpula de países exportadores de gás, que acontecia em Moscou e foi forçado a pousar o avião no aeroporto de Viena, na Áustria, depois que França, Portugal e Espanha negaram permissão para que o avião fizesse escala técnica ou mesmo que sobrevoasse seus espaços aéreos. O motivo: a suspeita de Edward Snowden estar a bordo do avião.

Ainda em Moscou, Evo Morales foi perguntado sobre Snowden (que continuava estava preso no aeroporto da cidade) e essa foi a sua resposta: “Se houvesse um pedido de asilo político, estaríamos dispostos a debater e considerar a ideia” (GUARDIAN, 2013, tradução nossa).

Após o ocorrido, o presidente boliviano ofereceu asilo político ao americano. O gesto, segundo o líder, é um protesto contra os Estados Unidos e os países europeus que estiveram envolvidos no caso do pouso forçado de seu avião. (JORNAL NACIONAL, 2013). “Morales protestou e pediu um encontro de líderes sul-americanos” (BOM DIA BRASIL, 2013). Snowden, no entanto, continuou em território russo até ter a oficialização de seu asilo.

Os conflitos não se restringiram apenas a países latino americanos. A China também sofreu os ataques. Representantes do governo americano alegaram que Snowden serviu à China como espião antes de viajar para Hong Kong.

O governo chinês pouco se pronunciou acerca do caso, mas saiu em defesa do ex-consultor norte-americano após argumentos feitos pelo governo americano.

O ministério chinês das Relações Exteriores considerou que as alegações não tinham fundamento. O porta-voz do ministério chinês, Hua Cunying, se pronunciou: “Penso que é completamente infundado” (G1, 2013).

De acordo com o jornal oficial chinês, Global Times, uma extradição de Snowden aos Estados Unidos seria uma traição da confiança que o ex-consultor depositou a Hong Kong, além de uma “perda de prestígio” para Pequim (G1, 2013).

“Extraditar Snowden para os Estados Unidos não apenas seria uma traição da confiança de Snowden, mas também uma decepção das expectativas do mundo inteiro”, esclarece o jornal. (G1, 2013)

O jornal Chinês citado acredita que o poder crescente da China tem atraído pessoas que pedem asilo, tornando isso inevitável, o que acaba por acumular prestígio moral. (G1, 2013).

Na época, o governo chinês lançou uma pesquisa sobre a opinião da população com relação a extradição de Snowden. Dados apontam que metade da população era contra essa extradição. “Uma pesquisa iniciada pelo South China Morning Post mostra que mais da metade dos Hong Kongers se opõe a extradição de Snowden para os EUA. Mas Pequim ainda não fez uma declaração explícita” (PEOPLE, 2013).

---

“Hong Kong, onde a justiça é independente, se beneficia de certa autonomia sob a tutela da China e tem acordo de extradição com os Estados Unidos, mas Pequim tem direito de veto” (G1, 2013).

É interessante citar que o governo Obama criticou a China por anos, acusando-o de usar da vigilância para obter vantagens econômicas, e garantia que nem os Estados Unidos, nem os países aliados, seriam capazes de cometer atos semelhantes. Essas afirmações, no entanto, são facilmente desconstruídas.

Outros indícios do interesse econômico da NSA ficam patentes em um documento do PRISM que traz uma “amostragem” dos “Tópicos de Relatório” relativos à semana de 2 a 8 de fevereiro de 2013. A lista dos tipos de informação recolhidos em diversos países inclui claramente categorias econômicas e financeiras entre as quais “energia”, “comércio” e “petróleo”. (GREENWALD, 2014, p. 146)

Mesmo depois de sua ida à Rússia, Snowden continuou a manter contato com a empresa chinesa South China Morning Post. Ele afirmava que a NSA espionava os computadores chineses desde 2009. (GIDDA, 2013 *apud* SPANIOL, 2015)

Outra vítima da espionagem americana foi a chanceler alemã Ângela Merkel. Notícias apontam que ela teve o próprio celular monitorado pelo esquema por meio de grampo. A suspeita levou a chefe do governo alemão a realizar ligações ao presidente Barack Obama e pedir esclarecimentos. Merkel deixou claro que as acusações se tratavam de uma “grave quebra de confiança” entre os dois países. (VEJA, 2013)

A comprovação de que o celular da chanceler estaria sendo grampeado foge às explicações dadas pelo presidente Barack Obama. Ele afirmou que a vigilância era feita apenas através da coleta de metadados, e não do conteúdo.

O governo dos EUA insistiu que boa parte da vigilância revelada pelo acervo de Snowden diz respeito à coleta de “metadados, não de conteúdo”, tentando dar a entender que esse tipo de espionagem não é intrusivo, ou pelo menos não no mesmo grau que a interceptação do conteúdo. (GREENWALD, 2014, p. 140)

Mesmo que a coleta estivesse sendo feita somente através dos metadados, o que não é o caso, essa prática também seria demasiadamente intrusiva. O professor de Ciências da Computação da Universidade de Princeton, Edward Felten, explica que a vigilância através dos metadados, às vezes, pode ser mais perigosa do que a vigilância por meio do conteúdo. Sem contar que, muitas vezes, a coleta por meio do conteúdo pode se tornar insuficiente dada a diferença de idiomas. (GREENWALD, 2014).

Considerem o seguinte exemplo hipotético: uma jovem liga para o seu ginecologista, logo em seguida, para a mãe, depois, para um homem com quem, nos últimos meses, falou ao telefone várias vezes após as onze da

noite; por fim, para um centro de planejamento familiar que também pratica abortos. Surge assim uma narrativa provável que não ficaria tão evidente caso houvéssimos examinado o registro de um único telefonema. (GREENWALD, 2014, p. 141)

Ângela Merkel afirmou que os americanos colocaram em xeque sua posição no mundo ao violarem a liberdade individual dos indivíduos. (VEJA, 2013). Para ela, os governos de Berlim e Washington, estariam “muito distantes” em termos de visão de monitoramento de massa.

Em seu discurso de terceiro mandato, a líder afirmou não duvidar que as agências de inteligência nacionais e estrangeiras aliadas ajudaram a proteger a população da Alemanha de crimes e ataques terroristas. No entanto, questionou se seria certo que países aliados, como Estados Unidos ou Reino Unido, pudessem acessar dados pessoais dos alemães, alegando a segurança do país.

Será certo que não se trate só de se defender de ameaças terroristas, mas também de obter vantagens sobre seus aliados, por exemplo, em negociações nas cúpulas do G20 ou em sessões da ONU? Nossa resposta só pode ser: não, não pode estar certo. (VEJA, 2013)

As preocupações da chanceler alemã parecem fazer sentido. Em seu livro *Sem lugar para se esconder*, Glenn Greenwald (2014) afirma que o governo americano usufruiu do sistema de vigilância para obter vantagens diplomáticas.

A escala de vigilância diplomática praticada pela NSA é incomum e digna de nota. Além de líderes estrangeiros, os Estados Unidos também espionaram de forma extensiva, por exemplo, organizações internacionais como a ONU, de modo a obter vantagens diplomáticas. Um briefing típico da SSO com data de abril de 2013 observa que a agência usou seus programas para obter os principais tópicos a serem abordados pelo secretário-geral da ONU antes de seu encontro com o presidente Obama. (GREENWALD, 2014, p.150)

As relações entre Rússia e Estados Unidos também devem ter o devido destaque. Snowden pediu um asilo temporário à Rússia, mas considerava isso apenas um passo prévio para um refúgio em algum país da América Latina.

Durante este período, o presidente Vladimir Putin fez algumas declarações a respeito do caso. Para ele, as relações com Washington seriam mais importantes do que as disputas envolvendo atividades dos serviços secretos. (G1, 2013). “Advertimos Snowden que qualquer atividade dele que possa prejudicar a relação Rússia – EUA é inaceitável” (G1, 2013)

Durante esse período, a Casa Branca se pronunciou através do porta-voz Jay Carney, reiterando o pedido de que Snowden fosse deportado para os Estados Unidos. “Nossa posição é que Snowden deveria ser expulso e enviado aos Estados Unidos, e que

não deveria ser autorizado a viajar ao exterior, exceto para retornar aos Estados Unidos” (G1, 2013).

No entanto, o presidente russo defendeu o direito da Rússia, de realizar uma política independente. “Temos nossos próprios objetivos no desenvolvimento das relações com os Estados Unidos. Somos um país independente, com uma política externa independente” (G1, 2013). Foram necessários alguns acordos para que a Rússia concedesse o asilo. Snowden precisou firmar um acordo com o presidente Vladimir Putin, de parar de expor os documentos secretos do governo americano. (GIDDA, 2013 *apud* SPANIOL, 2015).

O motivo pelo qual o governo americano explicou todos os escândalos que envolviam a vigilância em massa foi a prevenção ao terrorismo.

Parte da vigilância era dedicada de maneira ostensiva, a suspeitos de terrorismo. No entanto, é claro que uma porcentagem importante dos programas nada tinha a ver com segurança nacional. Os documentos não deixavam dúvidas de que a NSA praticava também espionagem econômica e diplomática, além da vigilância de populações inteiras sem qualquer base para suspeita. (GREENWALD, 2014, p.101)

No entanto, a quantidade exorbitante de dados coletados pode dificultar a descoberta de ataques terroristas que possam surgir. O deputado democrata Rush Holt, acredita que a vigilância massiva surte o efeito contrário ao objetivo que o governo diz ter.

(...) coletar tudo relacionado às comunicações de todo mundo só faz ocultar os verdadeiros complôs organizados por terroristas de verdade. Uma vigilância focada, e não indiscriminada, renderia informações mais específicas e mais úteis. A abordagem atual soterra as agências de inteligência com tantos dados que é impossível analisa-los de forma eficaz. (GREENWALD, 2014, p. 217)

O fato é que as relações internacionais dentro do contexto de globalização estão adentrando o cenário virtual e transformando-o em um campo conflituoso no caso dos Estados Unidos, sem privacidade.

Considerando em sua totalidade, o acervo de Snowden levava, em última instância, a uma conclusão bem simples: o governo dos EUA construiu um sistema cujo objetivo é a completa eliminação da privacidade eletrônica no mundo inteiro. Longe de ser uma hipérbole, esse é o objetivo literal explicitamente declarado do Estado de vigilância: coletar, armazenar, monitorar e analisar todas as comunicações eletrônicas de todas as pessoas ao redor do mundo. A agência se dedica a uma única missão maior: evitar que qualquer comunicação eletrônica, por mais ínfima que seja, fuja ao seu alcance sistemático. (GREENWALD, 2014, p. 101)

A necessidade americana de ser onisciente chega a ser assustadora. O diretor da NSA, Keith Alexander, durante uma visita em 2008 à Central de Comunicações do

Governo – organização britânica, indagou: “Por que não podemos coletar todos os sinais o tempo todo?” (GREENWALD, 2014, 102). A fala repercutiu negativamente e os porta-vozes da Agência explicaram que a pergunta foi feita em tom de piada.

Após as revelações feitas por Snowden, duas comissões independentes foram criadas pela Casa Branca e concluiu-se que, mesmo estando em vigor desde 2001, o monitoramento não foi capaz de evitar ataques terroristas nos EUA. As duas comissões afirmaram que os programas deveriam acabar e elaboraram 42 recomendações para uma reforma, na tentativa de restringir o uso indevido dos mecanismos de vigilância. Contudo, o presidente Obama adotou apenas 3 das 42 recomendações. Essas recomendações limitariam a atuação do poder executivo. (HBO GO, 2016)

A dominação da internet pelos Estados Unidos proporcionou ao país poder e influência significativos, além de gerar grandes lucros. Esse lucro e esse poder, é claro, intensificaram inevitavelmente a indústria da vigilância em si, proporcionando outro motivo para sua expansão sem fim. A era pós 11 de setembro testemunhou uma explosão maciça dos recursos dedicados à vigilância. A maioria desses recursos foi transferida dos cofres públicos (ou seja, dos contribuintes norte-americanos) para o bolso de corporações privadas de vigilância defensiva (GREENWALD, 2014, p. 180)

É possível pensar que todo esse esquema de monitoramento funcionava apenas do lado de lá das fronteiras americanas, como o próprio presidente Obama, muitas vezes, insistiu em dizer.

Em 8 junho de 2013, Barack Obama afirmou categoricamente ao repórter Charlie Rose que os cidadãos americanos estavam imunes a qualquer tipo de monitoramento.

Uma coisa eu posso afirmar de modo inequívoco: se você é cidadão norte-americano a NSA não pode escutar suas ligações (...) É a lei, o regulamento, a menos que a agência (...) vá ao tribunal, consiga um mandado e busque uma causa provável, como sempre foi. (GREENWALD, 2014, p. 134).

O mesmo fez o presidente republicano do Comitê de Inteligência da Câmara, Mike Rogers, ao garantir que a NSA não monitorava ligações americanas. “A NSA não está escutando as ligações dos norte-americanos. Se estiver é ilegal. A Agência está agindo contra a lei” (GREENWALD, 2014, p. 134).

No entanto, os dados apontam para a direção contrária. O programa da NSA, Boundless Information (informante sem limites), que quantificava com exatidão a quantidade de atividades de vigilância diária, constatou que num prazo de 30 dias, uma única unidade da NSA coletou 3 bilhões de informações de cidadãos americanos. (GREENWALD, 2014, p. 39)

Apesar de o foco definido pelos estatutos da NSA ser “inteligência estrangeira”, os documentos confirmavam que o público norte-americano era

um alvo igualmente importante da vigilância secreta. Nada deixava isso mais claro do que a ordem ultrassecreta de 25 de abril de 2013 do tribunal da FISA exigindo que a Verizon entregasse à NSA todas as informações sobre as ligações de seus clientes norte-americanos, os “metadados de telefonia”. A linguagem usada na ordem judicial marcada como “NOFORN”, era ao mesmo tempo clara e definitiva: Por esta se ordena que o Responsável pelos Registros apresente À Agência de Segurança Nacional (NSA), ao receber esta Ordem, e continue apresentar um regime constante e diário a partir de então, enquanto vigorar esta Ordem, a menos que o Tribunal emita Contraordem, uma cópia eletrônica do seguintes objetos tangíveis: todos os registros de detalhes de ligações, ou “metadados de telefonia”, gerados pela Verizon para comunicações (i) entre os Estados Unidos e o exterior, e (ii) internas às fronteiras dos Estados Unidos, incluindo as ligações locais (GREENWALD, 2014, p. 100)

### Considerações finais

O crescente uso da vigilância generalizada no mundo não se dá pela revolução comunicacional em si, mas sim, pelo massivo fluxo de dados decorrente das formas de apropriação do ciberespaço e a tentativa de controle dos meios de transmissão destas informações.

Esse tal ciberespaço modificou a forma como os agentes internacionais põem em prática a luta pelos seus interesses. “O ciberespaço se torna um novo front para atividades de inteligência, contrainteligência, sabotagem e terrorismo” (LOPES E TEIXEIRA JR, 2011 *apud* FRAZÃO 2015).

As atividades de inteligência acima citadas estão interferindo de forma direta na vida das pessoas, sendo um instrumento do poder utilizado por atores como autoridades que representam o Estado, de empresas, representando o mercado capitalista e os hackers. A vigilância torna o ciberespaço um campo de ausência quase total da privacidade, podendo compará-lo a um panóptico de grandes proporções.

Uma das preocupações do delator era a de colocar sua liberdade, e até sua própria vida em risco, por uma causa que pudesse não despertar o interesse público a ponto de pedir mudanças e intervenções.

Os países envolvidos apresentaram uma postura de preocupação e apresentaram políticas que por ventura pudessem driblar ou mudar o cenário da vigilância massiva praticada pelos Estados Unidos e os países aliados.

Nas negociações da 68ª assembleia geral das Nações Unidas, o Brasil, em conjunto com a Alemanha, formulou um projeto de resolução no qual busca resguardar os direitos à privacidade na era digital, cuja aprovação foi unânime dentre os 193 Estados-membros. Apesar de o documento não ter caráter vinculante, para o Itamaraty isto “demonstra o reconhecimento, pela comunidade internacional, de princípios universais definidos pelo Brasil (SPANIOL, 2015).

Portanto, é importante debater temas acerca da vigilância, na tentativa de não tornar o assunto algo que possa ser esquecido com o tempo, tendo em vista que tudo isso infere ao direito à liberdade das pessoas, além de medir a interferência que a mídia é capaz de ter em cima de relações que envolvem grandes países.

Outro aspecto importante é verificar se os motivos pelos quais o governo de uma grande potência mundial monitora comunicações de todas as partes do mundo são realmente plausíveis, já que há pouca informação sobre ataques terroristas evitados graças ao monitoramento excessivo.

## REFERÊNCIAS

BOM DIA BRASIL. **Avião de Evo Morales é obrigado a pousar por suspeita de levar Snowden.** Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/07/aviao-de-evo-morales-e-obrigado-pousar-por-suspeita-de-levar-snowden.html>. Acesso em: 8 de março 2017

CARRERA, Isabella; CORONATO, Marcos . **Laura Poitras: A guardiã dos seus segredos.** Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/11/laura-poitras-b-guardia-dos-seus-segredosb.html>. Acesso em: 22 de março 2017.

CARRERA, Isabella. **Caso Edward Snowden: como Laura Poitras protegeu seu filme Citizenfour contra a vigilância do NSA.** Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/11/caso-edward-snowden-como-laura-poitras-bprotegeu-seu-filme-citizenfour-contra-vigilancia-do-nsab.html>. Acesso em: 22 de março 2017.

FRAZÃO, Pedro Henrique Oliveira. **Cibersegurança: considerações sobre a vigilância no ciberespaço a partir do caso Snowden.** Disponível em: [http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/novo/images/simposio/artigos2015/FRAZAO\\_Ciberseguranca.pdf](http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/novo/images/simposio/artigos2015/FRAZAO_Ciberseguranca.pdf) . Acesso em: 13 de fevereiro 2017.

G1. **EUA grampearam Dilma, ex-ministros e avião presidencial, revela WikiLeaks.** Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/lista-revela-29-integrantes-do-governo-dilma-espionados-pelos-eua.html>. Acesso em: 2 de março 2017.

GREENWALD, Glenn. **Sem lugar para se esconder: Edward Snowden, a NSA e a Espionagem do Governo Americano.** Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

JORNAL NACIONAL. **Em protesto contra os EUA, Bolívia oferece asilo a Edward Snowden.** Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/em-protesto-contra-os-eua-bolivia-oferece-asilo-edward-snowden.html>. Acesso em: 15 de março 2017.

PRESSE, France. **Rússia afirma priorizar relação com EUA no caso Snowden.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/russia-afirma-priorizar-relacao-com-eua-no-caso-snowden.html>. Acesso em: 3 de março 2017.

O GLOBO. **Merkel sobre espionagem: EUA e Alemanha estão ‘muito distantes’.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/merkel-sobre-espionagem-eua-alemanha-estao-muito-distantes-11439107>. Acesso em: 5 de abril 2017.

PEOPLE. **Extraditing Snowden an unwise decision.** Disponível em: <http://en.people.cn/90777/8286277.html>. Acesso em: 5 de abril 2017.

PILGER, John. **Forcing down Evo Morales's plane was an act of air piracy.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jul/04/forcing-down-morales-plane-air-piracy>. Acesso em: 7 de março 2017.

PRESSE, France. **China nega espionagem de Snowden para Pequim.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/china-nega-espionagem-de-snowden-para-pequim.html>. Acesso em: 29 de março 2017.

SPANIOL, Bruna Paiani Nasser. **A vigilância na internet: a circulação midiática brasileira do vazamento de dados da NSA por Edward Snowden.** Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20970/1/BrunaPaianiNasserSpaniol\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20970/1/BrunaPaianiNasserSpaniol_DISSERT.pdf). Acesso em: 25 de fevereiro 2017.

UOL. **Dilma diz que confia em Obama e dá por superada a crise por espionagem.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2015/06/30/dilma-diz-que-confia-em-obama-e-da-por-superada-a-crise-por-espionagem.htm>. Acesso em: 5 de abril 2017.

VEJA. **Governo alemão suspeita que EUA grampearam telefone de Angela Merkel.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/governo-alemao-suspeita-que-eua-grampearam-telefone-de-angela-merkel/>. Acesso em: 8 de abril 2017.

VEJA. **NSA espionou 70 milhões de ligações na França, diz jornal.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/nsa-espionou-70-milhoes-de-ligacoes-na-franca-diz-jornal/>. Acesso em: 8 de abril 2017.

VEJA. **Governo alemão suspeita que EUA grampearam telefone de Angela Merkel.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/governo-alemao-suspeita-que-eua-grampearam-telefone-de-angela-merkel/>. Acesso em: 8 de abril 2017.